VERSOS ALEGRES

(publicação póstuma)

ABILIO MARTINS

É muito desagradavel recordar com tristesa um homem que foi alegre. E assim era o meu antigo visinho, amigo e compadre Abilio Martins. Alto, corpulento, com uma enorme calva tomando-lhe todo o alto da grande cabeça, não o posso recordar sem o sorriso que lhe era constante e parecia ser a exteriorização de seu espírito risonho, afetivo e bondoso. Formou-se em direito no Rio, e parece que levou mais tempo do que é preciso para um preparatoriano se transformar em bacharel. Não que.lhe faltasse inteligência; ao contrário, talvez fosse porque lhe sobrava espírito, e ele andou a dispende-lo na capital carioca, enquanto a bolsa paterna não deu sinaes de impaciencia.

Não sei o que fez até o tempo em que foi para o Ipú, sua terra natal, onde constituiu família. Sei que naquela pequena cidade sua popularidade era grande.

Mas sua cordialidade se espalhava por toda aquela região, onde conhecia todas as figuras representativas, e mesmo as mais humildes, com seus defeitos, que ele tudo aproveitava para assuntos de suas troças.

Abilio Martins possuia o dom da forma e tinha muito espírito natural, que pode não ser infinitamente espiritual, mas é sempre muito engraçado.

Antes que os ianques adotassem o lema keep smiling, já Abilio olhava sorrindo para o mundo, do qual desapareceu tão prematuramente... Parece que em seus olhos havia um raio que descobria facilmente o lado cómico que todas as cousas e pessoas têm. E era esse ponto risivel que ele gostava de focalisar para divertir-se, para dar expansão á sua veia cómica, de que nunca usou para ferir alguem profundamente...

Seu sensivel coração, o coração que o traiu de maneira tão súbita e prematura, o impedia de maguar a sério as vitimas de suas tróças.

*
* *

Na organisação do governo do grande presidente Justiniano de Serpa, foi Abilio escolhido para o cargo de Chefe de Polícia. E foi então que o conheci.

Morávamos á pequena distancia um do outro, no bairro do Alagadiço e iniciámos uma convivencia que cada vez se estreitou até o dia em que, tendo ido de automovel com uns amigos para o lado de Soure, foi fulminado por uma sincope cardíaca.

A despeito de sua naturesa brincalhona, Abilio Martins era capaz de fazer coisas sérias, quer na vida prática, quer na poesia. E a prova é que foi um bom chefe de Polícia, e escreveu alguns versos sérios que poderiam ser assinados pelos melhores poetas.

Muito afetivo com a família, quando se inspirava nos filhos produzia verdadeiras joias de sentimento e graça. Seja exemplo o

BILHETE A' FRANCELINA

Ah, minha filha, eu te mando
(E estou certo que ele vai...)
Nos versos que estou traçando,
O coração de teu pai.

Meu coração é sujeito
Alvoroçado na vida:
Já está batendo no peito
Como quem está de partida.

Ah, que ele é tão teu amigo
Que, embora siga sosinho,
Para encontrar-se comtigo
Duvido que erre o caminho!...

*

* *

Pena é que o meu saudoso amigo, com o seu programa de levar a rir esta vida de que tão cedo foi privado por um fatal destino, se haja mantido nas letras dentro dos limites de um diletantismo, que nunca pretendeu exceder, e com o qual se contentava seu espírito sem ambição e sem vaidade.

Foi um dia muito triste para a sua família e nós, seus amigos, esse em que voltou cadáver dessa malfadada excursão para a qual partira sorrindo.

E com a publicação destes versos, fica o público sabendo que Abilio não era somente um homem espirituoso, mas tambem uma formosa inteligencia que veio aumentar o património intelectual de nossa terra, a que ele serviu com tanta dedicação e lealdade.

Préso-me de ter gosado a sua intimidade e desvaneço-me de ter sido escolhido pela sua família, não para apresentá-lo aos leitores, que disso ela não precisava — mas dizer aqui o quanto eu estimava esse belo camarada que deixou um nome querido e brilhante na agiologia intelectual do Ceará.

ANTONIO SALES

Fortaleza, Fevereiro de 1940.

FRANCELINA

Mesma essencia de meu ser,
Onde meu sangue fervilha,
Gósto imenso de me ver
Nos olhos de minha filha.

Nos olhos de minha filha,
Cuja luz os meus atràì,
E' que eu vejo como brilha
Todo o meu amor de pai !

BILHETES Á FRANCELINA

Ah, minha filha eu te mando
(E estou certo que ele vai...)
Nos versos que estou traçando,
O coração de teu pai.

Meu coração é sujeito
Alvoroçado na vida:
Já está batendo no peito
Como quem está de partida.

Ah, que ele é tão teu amigo
Que, embora siga sosinho,
Para encontrar-se comtigo
Duvido que erre o caminho !

MEU FILHO

Meu filho ainda sem nome,
Já tem, comtudo um programa:
E' chorar quando tem fome
E sorrir depois que mama...

Graça de filho é bonita,
Diz todo o pai como eu:
Acho uma graça infinita
Nas graças tôlas do meu...

(Ipú 8-1918)

ENLEVO

Pudéra não querê-la muito e tanto
Si, na mãe de meus filhos eu não visse
Raro exemplo de amor e não sentisse
Da serena bondade o dôce encanto.

Pudéra não querê-la muito e tanto
Si outra ambição tivesse e me sorrisse
Que a dos meus quatro filhos e a meiguice
Dela — em meu lar — meu íntimo recanto...

Pudéra não querê-la tanto e tanto !...

BEIJOS

Beijos de mãe são harpejos
De doces, nobres encantos
Tão diferentes dos beijos
Que dão as beatas nos santos...

Beijo de moça bonita
Faz bem aos nervos, faz bem !
Mas beijo de sogra é fita
Que não ilude a ninguem...

De beata um beijo, eu digo,
Que é melhor morrer á mingua,
Só por causa do perigo
Da visinhança da lingua...

* * *

Aquele beijo, criança
Que prometteste, confessa,
Nunca passou de esperança,
Nunca passou de promessa.

Talvez que tenham contado,
Com simulado escarcéo,
Que dar-se um beijo é pecado,
Que fecha as portas do céo.

Mas que impostura! Desejo
Que te convenças, meu bem
Mesmo as ocultas um beijo
Nunca faz mal a ninguem.

Tantos encantos encerra
O beijo, é coisa tão bôa:
Quem não dá beijo na terra,
Deus lá no céo não perdôa.

ÁS PORTAS DO PARAISO

Chega ao céu uma defunta
Catita, loura e franzina,
A quem São Pedro pergunta,
Sizudo, grave e profundo:
"Dansaste tango, menina?
Dansaste tango no mundo?"
— A defunta se concentra:
— Dansei, S. Pedro"

— "Pois, entra."

CAÇADAS

(Fundou-se em Fortaleza um Club destinado ao sport da caça, fazendo parte dele várias famílias de relevo social e a que aderiram alguns facultativos recém-formados).

No Club dos Caçadores
Entram sócios aos magótes,
Mas em vez de caçar... dôres
E' bem melhor caçar... dótes...

VINGA-TE

Si a culpa é minha, perdôa:
Nós juntos, quando dei fé
Sem querer, assim á tôa,
Sem querer, pizei-te o pé.

Mas, eu não quiz maltratar-te...
Si, acaso o teu pé doeu,
E queres, meu bem, vingar-te,
E 'facil: — pisa no meu!

Acusas um inocente,
Tu me acusas sem razão
Sem querer, ingenuamente,
Sem querer, beijei-te a mão.

Si achas que o fiz por maldade,
Não pedirei que me acudas,
Vinga-te: — beija, á vontade,
As minhas mãos cabeludas!

Mas, porque queres morrer?
Mas, por que tanto desgosto,
Só porque, mas sem querer,
Só porque beijei-te o rosto?

Si queres vingar-te, pódes:
Toma o rosto, beija a esmo,
Beija os olhos, os bigodes
Beija tudo, tudo mesmo...

ADVERTENCIA

(Noticiam os jornais o aparecimento, nesta capital, de um galo com duas protuberancias corneas no alto da cabeça. Fortaleza-1920).

Eis um fato banal
Que nem merece a pena comentá-lo,

Pois me parece muito natural
O que ocorreu ao galo.

Penso que o galo, como cidadão,
Tendo o seu lar... no fundo do quintal
E, na família, nome e posição,
Está sujeito
Ao mesmo preconceito
De ordem social
Que rége e orienta a vida conjugal.

Vê-se, portanto, positivamente,
Que a natureza tinha
De, cêdo ou tarde, assinalar o mal
Pois, si a mulher do galo, infelizmente,
Foi sempre uma galinha,
A predestinação era fatal...

* * *

Muito cuidado, camaradas, tomem:
Si a natureza fez assim com o galo,
Pode fazê-lo muito bem com o homem...

O BONDE

Não me convem o bonde,
Porque nesse veículo é por onde
Circula, na maior promiscuidade,
A rafaméa,
A parte mais plebéia
Do povo da cidade.

Há, confesso, tambem outra razão:
E' que sinto sofrer minha altivez
Assim que o condutor estende a mão,
Na minha direção,

A requerer de mim, todo cortês,
A miséria infinita de um tostão.

Haveria, talvez,
Muito mais elegancia e distinção
Si a Light, *em vez*
De exigir os cem réis na ocasião,
Mandasse receber no fim do mês,
E aumentasse, á vontade, a conta, então,
De acordo com o contrato e o cambio a 6...

O RETRATO

(O arquitéto Arquimedes Memória, sobrinho afim de Abilio, mandou a este o retrato de um filhinho em posição de quem está sentado num vaso noturno).

Arquimedes, aqui chegou Passito,
De surpresa, sem ter telegrafado,
Mais gôrdo, mais corado, mais bonito,
Perfeito almofadinha o teu cunhado.

Ao me chegar em casa o supradito,
De malas e bagagens carregado,
Quiz logo me mostrar, todo expedito,
O retrato do Péricles sentado.

A Celina, ante a efigie do pequeno,
Fazendo aquilo tudo, tão sereno,
Tão calmo, tão tranquilo e tão gaiato,

Sorriu e comentou sisudamente:
— "Mas, isto não se faz publicamente...
Isto é lá posição para retrato !"

EXIGENCIA

(De um testamento de Judas, em Ipu, 1919)

. . . . . .

O Julio (coitado, é pena)
Crente que só lhe convinha
Cazar-se com uma pequena
Que tivesse o que ele tinha,

Deixou que o tempo fadado
Para esse gôso tão dôce
Fosse passando, e, coitado!
Hoje o que tinha... acabou-se.
. . . . . .

PRA QUE ? !

(Havia em Ipú um velho viuvo, setuagenário e alquebrado, cuja caduquice era contrair novas núpcias. Vivia a se requebrar para o lado das moças casadoiras... Chamava-se "Barrim". Abilio farpeou o ancião gaiteiro :

O Barrim *me disse a mim*
Que se casar inda quer:
Nas condições de Barrim,
Pra que Barrim *quer mulher ?!*

A MONSENHOR FURTADO — Cura da Sé

Parabens pelos anos que hontem fez
E pelos outros que há de festejar !
Mando-lhe este soneto, que, talvez,
Nem mesmo valha a pena conservar.

Logo que o leia, rasgue-o, de uma vez,
Não caia na tolice de o mostrar
Ao Climério (1) — doutor em Português —
Que muitos erros nele há de encontrar.

Mas, isso nada vale. O que tortura
O meu já pobre cérebro cansado
E' ninguem dar-me explicação segura

Sobre este paradóxo danado:
Você nunca foi médico, mas cura,
E sempre honesto foi, mas tem furtado...

(1) Conego Climério Chaves.

O TANGO

("Terencio" era o Padre José de Lima Ferreira, redator do "Correio da Semana", órgão católico de Sobral).

Terencio amado,
E' meu desejo
Mandar-te, nestas linhas, apertado
Abraço e quente, delirante beijo !
Tal beijo ardente,
Porém,
Como há de parecer a muita gente
A muita maganão,
Não tem
Sinão uma intenção
Muitissimo inocente.

Gostei sinceramente
Do teu artigo circunstanciado
E convincente,
Em que, sem dó, baixaste a peia
Sublimemente, santamente irado
Em toda moça feia
Que ousa dansar o tango requebrado.

De fato, irrita,
Num salão, ver-se que saracoteia
Uma moçoila feia,
Ficando a "fazer renda" uma bonita.
Declaro-me convencido,
Terencio, tu tens razão,
Devia ser proibido
Moça feia dansar tango em um salão.

Conta com a minha solidariedade
Na tua propaganda nada mansa
Contra os avanços da imoralidade !
Calculo teu tormento,
Teu grande sofrimento:
Há tortura maior, numa festança,
Que ver dansar o tango — quem não dansa?!...

Terencio, estou convencido
De que, em toda e qualquer festa,
Nada existe de menos divertido
Que ver com os olhos e comer com a testa...

A bossa tu possues da convicção,
E' o que te digo !
Provaste-o, á béssa, nesse teu artigo,
Que podes realejar como sermão...
Adeus ! Reza por mim dois Padre-nossos
E aperta nestes ossos !

NOTICIAS...

(Abilio Martins sabia que Tomaz Corrêa, farmacêutico em Ipú, não gostava que lhe falassem nos seus padecimentos oriundos de uma dentadura com que guarnecera os maxilares. A esse tempo, Francisco Corrêa — "Chiquinho", — filho de Tomaz — vivia aperriadissimo, controlando uma plantação de cajueiros naquela cidade da zona setentrional do Estado. De Fortaleza, Abilio Martins escreveu ao seu amigo :

Tomaz, abraços !
Vou lhe mandar, nestas ligeiras linhas
E nestes breves traços
Um bocadinho de notícias minhas.
Sòmente minhas, não
Digo mal,
Pois terei, de certo, precisão
De dizer que vae bem o Abdoral. (1)

(1) Abdoral Timbó, primo de Abilio, comerciante em Ipú e, atualmente, em Fortaleza.

Eu levo a mesma vida
No fumo e no café...
Tenho que lhe dizer,
Porém, que uma ferida
Me apareceu no pé,
Danada prá doer !
Ferida ingrata !
Agora a trato
Com nitrato
De prata.
Sofrer é da Escritura...
E como vai você da dentadura ? !

Ah, Tomaz,
Muito mais
Sofreu Jesus !

E como vai o Chiquinho com os cajús ? !

APÊLO

Ilustre amigo coronel Tomaz
De Aquino e Sá Corrêa Benevides,
(Como é dificil se rimar em ides!...)
Não use, amigo, Benevides *mais...*

A AVENIDA DO IPU

(Para Tomaz Corrêa)

Caríssimo Tomaz
Acabo de saber
Com extranho desprazer
Que o Chagas (1) *e o João Bessa* (2)
Prá lhe pegarem uma peça,

(1) Dr. Chagas Pinto — clínico em Ipú

(2) Dr. João Bessa, coletor federal

Afirmam que a Avenida,
Por você sugerida,
Coitada, não se faz.

Mas, na verdade eu lhe digo :
Póde contar comigo !
Essa campanha, em surdina,
E' toda feita na esquina
Do Odulfo (3), *todos os dias...*
O principal é o João Bessa,
E o Odulfo já não começa
A ter as mesmas manias ?!

Por noticias muito vagas
Sei, entretanto que o Chagas
Caladinho também faz
Com aquela cara bisonha,
Uma campanha medonha...
O próprio Chagas, Tomaz !...

O prefeito, a mim, me disse
Que Avenida era tolice,
Que estava morta a Avenida.
Quando eu penso que o Prefeito
Si quizesse dava um geito...
Mas, Tomaz, isso é lá vida ?...

O próprio Chico Corrêa
Que tem seu sangue na veia
Diz que a Avenida não vai !!!
Aplique-lhe um castiguinho,
Tápe a bôca do Chiquinho,
Prá que diabo a gente é pai ?!

O Auton (4) *seu genro, me disse*
Que ninguém mais lhe pedisse

---

(3) Odulfo Carvalho, comerciante

(4) Auton Aragão — comerciante.

Concurso prá cousas tais
E que a Avenida não ia...
Ah, Tomaz, mostre energia,
Mostre que é sogro, Tomaz !

Nesta terra há muita gente,
Que vive a rir, pela frente
E faz carêtas, por de traz...
Na frente, cara fingida,
Por de traz — pàu na Avenida...
Isso é lá gente, Tomaz ?!

ONDE ENCONTRAR-ME

(Abilio, quando Chefe de Polícia do Governo Serpa, residia no bairro do Alagadiço — Fortaleza, 1920).

Antonio Sales, amigo,
Eu, de mim, não me admiro
Que você faça comigo
O que já fez com o Belmiro.
Mando-lhe a róta segura,
Para abreviar-lhe o serviço:
De dia — na Chefatura,
De noite — no Alagadiço.

"CABOCLO"

(Em resposta a um soneto de Antonio Sales e que nada tinha de alusivo ao presidente Serpa).

Acho o Sales, Doutor, impertinente
E, sobretudo, de uma audácia rára,
Metendo-se a falar da vossa gente
Que nunca, ao que me consta, o maltratára.

E sendo o vosso avô precisamente
A vítima que o Sales alvejára,
Não respeitou na crítica insolente
Nem as ventas do velho tabajára...

Clamam vinganças os vossos ancestrais !
Meditai, refletí, um instante só:
Si contra o vosso avô é assim tenaz

Esta campanha pública, sem dó,
Imagine-se agora a que por traz
Se está fazendo contra vossa avó !

NINHO DESFEITO

"A casa onde eu nasci, no Parasinho,
Já não existe mais !
Sou no mundo como uma ave cujo ninho
Desmancharam os rudes temporais.

Não sòmente meu lar, mas toda a aldeia,
Pousada à beiramar,
Jaz sepultada num lençol de areia,
E alí ninguém jamais há de habitar".

ANTONIO SALES

* * *

Chóro contigo a deshumanidade
De um caso como este,
Pois desmancharam, sem necessidade,
O ninho em que nasceste.

Foi-se o teu ninho,
A tua pobre e decantada aldeia,
Onde garoto, bem pequenininho,
Talvez que nú,
Brincavas sobre a areia
Em Parasinho,
Ali bem perto de Paracuru.
As brancas dunas,
Que sempre são visinhas importunas

Sob o furor dos rudes temporais,
Tudo enterraram para nunca mais.

Desse logar onde gosaste, outróra,
As horas mais tranquilas, mais serenas,
As noites mais amenas,
Desse logar que era o teu ninho, agora
Restam apenas
O mar e o céu
Pois o mais, tudo desapareceu.

Comigo fico a meditar, pensando
E com razão, talvez,
Que ante esse crime bárbaro e nefando
Nem siquer um inquérito se fez...

Felizmente, porém,
Nesse desastre não morreu ninguém...
Véla por nós a Santa Providência!

O povo, ante a eminência
Dessa invasão estúpida, da aldeia,
Contrafeito, irritado e descontente,
Mudou-se urgente,
Mas... descompondo a areia.

Mesmo o comércio, aliás tão florescente
E que em progresso vinha,
Nessa delicadíssima emergência
Soube manter intègralmente a linha:
Abriu falência,
Não deu, por conta, nem uma galinha...

Ah, que saudades tens do Paràzinho,
Da tua pobre aldeia,
Onde nos tempos de pichititinho
Vadiavas com areia!

Tu deves ter saudade e tens razão,
Mas eu, quando te digo,
Que desejo também chorar comtigo,
Palavra que não é de coração !

O MAPA DA GUERRA

(Abilio boquejava, entre amigos, que Godofredo de Castro jurava pela autenticidade do seguinte episódio. Numa "roda" em que se discutia a guerra mundial, alguém, à falta de papel, desenhou todo o continente europeu sobre o vasto colete branco que cobria o imenso abdomen do Dr. Francisco Amaral. E o próprio Abilio enviou a Godofredo este bilhete assinado pela suposta vítima do mesmo:

Você, bem sei que me ataca...
Por que motivo? Por que?
Nunca tive urucubaca,
Nunca fui como você...

Nem, tão pouco, a torpe intriga,
Feita á socapa, me aterra:
Nunca na minha barriga
Se pintou mapa de guerra...

HOMO CALAMITAS

Por que Deus castigou tão duramente,
De forma tão sumária e capital,
A de Santa Quiteria pobre gente,
Cuja bondade extrema é sem rival ?

Talvez que seja só do Presidente
A culpa de ser Juiz Municipal
Daquele vasto termo, atualmente,
O gordo bacharel Chico Amaral...

Quando o Dr. chegou — desde esse dia,
Tudo em Santa Quiteria encareceu...
Medonha sêca ali se pronuncia,

A raça ovina desapareceu,
Feijão, farinha, os bodes que inda havia,
A safra toda o Chico já comeu!

EXPOSIÇÃO DE SOBRAL

Irei à Exposição
Agro-Pecuária-Industrial
Que fazer vão,
No próximo verão,
Na próspera cidade de Sobral...
Chegando lá, porém, farei questão
Fechada e capital:
Será incluido na programação
Promover-se a especial,
Indispensável apresentação
Do desta zona gordo pessoal.

Já sei que enxundiosos os suinos
Estão e que, também, de rego aberto
Se encontram cavalares e bovinos:
O que eu quero, de perto,
E' avaliar o tutano
De vários tipos do rebanho humano.

Em admirando espécimens rotundos,
Sentir-nos-emos no melhor dos mundos...
A esse de banhas grande campeonato
Julga vencer Sobral,
Com o Manoel Taumaturgo Adeodato
E o bacharel Francisco do Amaral.

Si Camocim quizer com juiso andar,
Desde já vaticino:
Certo seguramente há de mandar
O Coronel António Zeferino,
Raro "exemplar"

Que, quem sabe? talvez, fàcilmente consiga
Menção honrosa na secção "BARRIGA".

Figurar no certamen memorável
Impossivel será que Ipú engeite,
Tendo um maior de espadas respeitável
No alentado juiz Francisco Leite.

E' bom que Ipueiras não se represente...
Que povo magro! Ave Maria! Credo!
Dizer Ipueiras é trazer à mente
A magresa esquelética do Dédo.

Mas, não desanimemos, não,
Pois que em compensação,
Em pêso e... pôse, para embasbacar,
A Crateus basta só
Como peso-pesado despachar
O ultra impotente Coronel Totó.

Pra mim seria canja
Ter de apontar quem é
Que irá por Massapé, Santana, Granja
Nova Russas, Riachão e Cariré.

Juntando, então, sertão e Ibiapaba,
E' gente gorda que não mais se acaba!...

Todos os nossos municípios têm
Quem possa muito bem
Ser seu representante oficial
Na "Agro-Pecuária-Industrial"
De Sobral,
Onde eu, só por pirraça,
Em meio a tanta banha,
Desmentirei a estúpida patranha
Do raquitismo da brasilea raça.

E' o pau que há:
— Gente gorda no nosso Ceará !
Assim acontecendo,
(Já estou prevendo)
Lá na Exposição
E' indispensável uma seleção:
Si, nessa árdua missão,
A Comissão Central se vir às cegas,
Apéle para o Dégas !
Não precisa fazer formal convite,
Basta que apite...

LARANJINHA

("Laranjinha" era o nome que Rodolfo Teófilo, propangandista contra o alcoolismo, havia dado a uma aguardente de sua fabricação).

Passa tombando e passa o desgraçado
Sob a ação da cachaça que chupou,
Mas ele não tem culpa dêsse estado:
A culpa é mais da mãe que o fabricou.

O pai dêsse infeliz era um tarado
Que a vida pelas tascas arrastou,
Até que, um belo dia, enamorado
Da mãe do supradito, se casou.

Veja, Rodolfo, o horrível de tal cena !
Condôa-se da sorte amargurada
Dos pobres infelizes, tenha pena.

Não venda a "Laranjinha", cubiçada,
Que a "Laranjinha", pérfida, envenena
A vida desta gente desgraçada !

QUINHENTOS MIL !

("O SINDICATO AGRICOLA DE SOBRAL telegrafou ao Presidente da República, dizendo representar quinhentas mil pessôas").

... E Deus fez-me um aceno: — "João, vem cá,
Que idéa fazes tu, caboclo esperto,
Do prodígio das bodas de Caná,
Do milagre dos peixes do Deserto?

Acaso, alguém tão cético haverá
Que zombe disto, João?" — "Oh, Pai, decerto!
Há neste mundo muita gente má
Que crê sòmente no que vê de perto...

Pois, não duvidam, Pai, que represente
O Sindicato, nesta região,
Metade certa de um milhão de gente?

Precisa agora, prá evitar questão,
Que a vossa autoridade onipotente
Proclame, ó Pai, si isso é milagre ou não"...

O VOTO FEMININO

(Petição ao Juiz Dr. Eusébio Nery Alves de Sousa).

Ilustre e nobilíssimo Doutor,
Há de ser mais justiça que favor,
Si Vossa Senhoria,
A quem Deus guarda e guia,
Como juiz puder
Reconhecer direitos de eleitor
Em mim, que sou mulher.

Altivo, independente,
Maurício de Lacerda ùltimamente
No seio do Congresso Nacional
E em projeto de largo descortino
Teve a idéa genial
De instituir o voto feminino.

E' natural, Senhor, que isso aconteça.
Na Rússia é uma delícia,

De lá chega a notícia:
Entrou pra o Ministério uma Condessa
Passou-se o tempo do obscurantismo,
Por toda parte vence o Feminismo.

Nos tempos atuais,
Ninguém, ninguém estabelece mais
Nenhuma restrição
À actividade da Mulher, capaz
De toda e de qualquer função.

Afirmam que o Doutor, cumprindo a lei
Fecha a questão de uma formalidade:
Exige e quer
Prova de idade !
Pois, meu caro Doutor, nunca pensei
Que se exigisse tanto de mulher...

Eis um ponto da lei que traz dificuldade,
Pois a mulher não diz com precisão a idade.
Prefiro não votar pois faço empenho
De não dizer quantos janeiros tenho.

Porque exigir prova de residência ?
Oh! essa lei só tem impertinência !
Parece picuinha:
Pois, eu não sou, Doutor, sua visinha?
Não está o sr. certo
Que de seu lar eu moro muito perto ?

Prova de renda...
Para prova de renda eu tenho um meio:
Resta o Doutor dizer como pretenda
Ou como queira a renda,
Si é da renda de bico, ou de entremeio...

Passo-lhe às mãos o meu requerimento
E... espero receber deferimento !

PROFECIA

Parece que o Eusébio não desdoira
Que se chegue a dizer
Que ele fosse ao nascer,
Precisamente uma criança loura...
Nem disso faz questão,
Justiça se lhe faça!
Apenas lembra: — "Eu era um maganão
E tinha muita graça
No tempo de pequeno,
Nunca fui louro, sempre fui moreno"!

E ei-lo a rememorar,
Dias inteiros,
Pernas em cruz, a mão no bolso ,os olhos no ar,
A época ideal de seus cueiros
E, sobretudo,
A alegre fase em que ficou taludo:

— "Passada a dentição,
Passou todo o perigo...
À mostra os dentes e sarado o umbigo,
Em dois tempos tornei-me um meninão!
A Natureza em mim se houve a capricho,
Eu era o bicho!
De ter sido mimoso como o diabo
E' coisa que me gabo!
Para as garotas de meu Pernambuco
Eu era o suco!

Quando rapaz, após menino,
Êste meu verso assim mofino
Dizer, cantar quem foi não ousa
Eusébio Nery Alves de Souza".

De espírito vivaz e falas ternas,
Eusébio prometia,

De vez que tudo nele progredia,
Principalmente inteligência e pernas.

E êle se via nas amarelas
Com o fatal crescimento das canelas:
Êste das gambias colossal progresso!
Sim, o desgosto de ser pernilongo
Fazia-o jururu e capiongo...

Eusébio fez no seu curso primário
Regular trajetória,
Tanto que, um belo dia, o velho Souza (1)
De saudosa memória,
Com o carinho de pai, extraordinário,
Resolveu fazer dele alguma coisa.

E aqui temos o jovem a estudar
O que precisaria
Alguém para alisar
Os duros bancos de uma academia.

Não tardou muito. Alegre, satisfeito
Mais um... mais um calouro de Direito!
A conquista do gráu, a conquista do anel
Custou cinco anos mais,
Findos os quais,
Eusébio já bancava o Bacharel
Em Ciências Jurídicas e Sociais.

Mas, de mãos abanando,
E a coisa no Recife andando má,
Logo o esperto Doutor foi arribando
E com os costados deu no Ceará.

(1) O pai do Dr. Eusébio

Nomearam-no Juiz,
Mas não nasceu "pra isso" sempre diz...
Entende acha
Que dêste mundo não é palmatória,
E assim, os autos não despacha,
Não estuda Direito, estuda História.

A mania que o vence
E' esfarinhar-se na História Cearense
Para, um dia, querer — vocês verão —
Passar quinaus; dar bolos no Barão... (2)

Ipu — 1917.

SÁTIRAS POLÍTICAS

(Em 1920, quando foi da sucessão do Presidente João Tomé, estavam em fóco as candidaturas Justiniano de Serpa e Belisario Távora. Houve quem pretendesse transformar o caso político em religioso, por motivo de Serpa ser maçon graduado e Belisario católico fervoroso. O inverno mostrava-se esquivo, o que inspirou a Abilio êste soneto):

Acerquei-me de Deus, lamuriento,
E, comovido disse: "Reparai;
Mais outra seca é muito sofrimento,
Com outra mais o Ceará não vai!

Dizei-me, por favor, o vosso intento
Sobre o destino de nós todos, Pai!
Por que, de vês, não cessa tanto vento,
Muita chuva afinal, por que não cai?"

— "Eis uma coisa que não faço, João!
Antes das eleições ,chuvas não dou,
Pois sei os cearenses como são...

"Sem candidato, embora, como estou,
Mandando inverno, já vocês dirão
Ter sido o Belisario que arranjou"...

(2) Barão de Studart.

O REPASTO

"O meu almoço em casa de Justiniano de Serpa não tem significação política. Almocei também em casa do Dr. Belisario Távora". De um telegrama de D. Manoel.

... E Deus me disse, grave: — "Puro engano!
Si, nunca fui, meu Filho, partidário
Não me preocupo com Justiniano
Não tenho ligações com Belisario.

Católico ou maçon, republicano,
Marreta *ou democrata, "Folha" ou "Diário",*
A nada disso eu ligo... tudo é plano,
Irradiação de contos de vigário.

Si o Távora vencer, sôpa no mel!
Vencendo o Serpa, é muito bom também!
E cada qual que tanja o seu batel...

Para evitar explorações, meu bem,
Não faço como o Bispo Dom Manoel:
Eu não almoço em casa de ninguém.

A DOENÇA DO PRESIDENTE SERPA

Um certo dia, o nosso Presidente,
Sem saber, de chôfre, adoeceu,
Um mês se passa, e quanto inùtilmente
Nas mãos do Paracampos (1) padeceu!

Às pressas, vem Pinheiro (2). Infelizmente,
O mal no mês seguinte não cedeu.
Hugo (3) aparece e chama tanta gente
Que, por milagre, o enfermo não morreu.

---

(1) Dr. José Paracampos
(2) Dr. Alfredo Pinheiro
(3) Dr. Hugo Carneiro

O tempo passa e na convalescença
O enfermo está, sem se saber que doença
Foi o que teve e como se curou.

Diagnóstico não houve, felizmente
Graças a Deus, pois que, precisamente,
Foi essa a circunstância que o salvou...

MISTÉRIO

O' vós que conheceis,
De nossa gente os vultos principais,
Acaso, me dizeis
Que diabo o Rubens faz ?

Assim que o sol desperta
Nas fimbrias do horisonte,
Por uma porta do Palácio aberta
Penetra o Rubens Monte.

E passa todo o dia
O bravo capitão
Refestelado na Secretaria,
Visivelmente sem ocupação,
Perturbando o Leiria (1)
Quando aparece na repartição.

E Rubens, a fazer POSE,
Nem mais à casa vai;
Basta dizer que, afóra o Cabo Doze (2)
E 'o último que sai...

O' vós que conheceis,
De nossa gente os vultos principais,
Acaso, me dizeis
Que diabo o Rubens faz ?

.....

(1) Dr. Leiria de Andrade — Secretário da Justiça.
(2) O porteiro do Palácio

CORRESPONDÊNCIA

I

(De João Tomé a Sousa Pinto)

Compadre Sousa Pinto. Fortaleza.
Eu vou passando bem. Muito obrigado.
E quem não acha o Rio uma beleza,
Gozando uma cadeira no Senado ?

Compadre Sousa Pinto, na prestêsa
Em que lhe escrevo agora este recado
Não posso lhe afirmar si, com certêsa,
Faremos do Leiria deputado.

Si isto se der, a vaga do Leiria
Oferece, no caso, a solução
Tal como o Manoel Sátiro a queria.

Mas si este não quiser, compadre, então,
Ou você vai para a Secretaria,
Ou deixa essa política de mão !

CORRESPONDÊNCIA

II

(De Hugo Carneiro a Monsenhor Salazar)

Procurei Sá (1) *mas Sá não disse nada,*
Depois o João Tomé e este me disse:
— Entenda-se a respeito com a bancada,
Nilo fica na junta — isto é tolice.

Justiniano, aqui, seu nome agrada
Tanto assim era bom que você visse:
Caso não surja um nome da bancada
Nem precisava que você pedisse.

(1) Senador Francisco Sá

Peço informar-me, reservadamente,
Como o Pinheiro (2) vai com o Presidente
A respeito também desta questão.

Parece, a mim me cabe ir p'ro Senado
Você ficava bem ser deputado
E senador numa outra ocasião.

O GRIPADO

(Ao tempo da revolução de julho de 1922, Abilio Martins era o Chefe de Polícia do Presidente Serpa. Nas noites de perigo, os amigos do situacionismo reuniam-se no Palácio do Governo, cercando o Presidente, ameaçado. Mas a essas reuniões não comparecia o deputado Rubens Monte, o que levou Abilio a chasquear :

Corremos um gravíssimo perigo,
Este é que é o facto !
Mas, quem contar com Rubens como amigo
Durma no mato !

Quando o perigo desaparecia
E estava tudo calmo e socegado,
No outro dia
E' que, então Rubens nos aparecia
Todo embrulhado...
Rubens tossia...

LIBERA NOS DOMINE !

Que Deus nos livre a nós do desgraçado
Plano ou projecto da Instrução, que cêdo
Há de ser pelo Prado (1) apresentado
E executado pelo Godofredo. (2)

(2) Deputado Alfredo Pinheiro.
(1) Deputado Francisco Prado
(2) Godofredo de Castro. Diretor da Instrução

Que Deus nos livre a nós do complicado
Estilo telegráfico do Alfredo (3)
Que anda agora da Câmara afastado,
Tal como quem da Câmara tem mêdo.

Mas, perigo mais grave que do Ensino
Já se desenha, claro no horisonte...
Dele nos resguardai, ó Pai Divino !

Trata-se — permiti que vo-lo aponte —
Da agricultura haurida por Zé Lino (4)
E executada pelo Rubens Monte !

DOLOROSAS INTERROGAÇÕES

Vós, que sois todos desta grande aldeia
E que sabeis de tudo que se passa,
De tudo que se diz da vida alheia
Nos rendez-vous *e nos cafés da Praça !*

Vós todos que viveis correndo à caça
De tudo, e em tudo enfim metendo a peia,
A rir e a comentar, com rara graça
A prosapia de quem se pavoneia.

Ah! não me acheis, acaso, impertinente,
Si eu vos pedir agora explicação
De um caso que interessa muita gente...

E' a respeito, senhores, da Instrução:
Onde dá Godofrêdo (1) *o expediente ?*
Onde é que fica a tal Repartição ?

---

(3) Deputado Alfredo Pinheiro.
(4) Deputado José Lino da Justa
(1) Godofredo de Castro — diretor da Instrução Pública

URUCUBACA

(Versos atribuidos a Godofredo de Castro).

Quando o Zé Povo percebeu que tinha
Os fluidos da miudinha
Fui alvo de ironia,
Tornei-me para logo o principal
Responsável por todo e qualquer mal
Que a alguém acontecia.

Eu uma empreza de automóveis tinha,
E arrebentou-se a empreza...
Os pândegos aqui, de Fortaleza,
Alvejaram-me logo — "E' a miudinha" !

Eu era rabelista
E, dentro do partido, homem da ação
Era, como inda sou,
No entanto, um democrata, à minha vista,
Cheio de indignação,
Um dia me gritou:
— "Você nos estragou:
Por sua causa veio a Intervenção!" .

Entrei para o Unionismo,
Porém, sem culpa minha,
Em pouco tempo estávamos no abismo...
Todo mundo dizia: — "E' a miudinha"

Virei marrêta
E, ó realidade atroz !
A coisa vive preta
E o partido marrêta em maus lençoes...

De Maranguape lá na Exposição

Funcionava o Congresso.
Quando a palavra eu peço,
Mas nisto a luz apaga-se e o salão
Fica na mais completa escuridão...

De andar pelo nordeste tive a idéa,
E veio a inundação...
Entrei para a Assembléia:
Cadê reforma da Constituição ?!

Medito, penso, em toda parte, a êsmo :
— "Mas eu terei urucubaca mesmo" ?

FÉRIAS POLÍTICAS

(Versos atribuidos a Godofredo de Castro).

Agora, no meu canto, retraído
E socegado,
Feliz por tanta encrenca ter vencido
E haver realizado
O meu sonho doirado,
Que era ter o meu osso garantido
Na gamela do Estado,
Eu solicito encarecidamente
E peço, por favor,
Não sugiram meu nome ao Presidente
Na embrulhada questão de Senador.

Eu vivo agora calmo e refletido,
Não quero agitação !
Demais, já me disseram que o Partido,
No tocante à gravíssima questão,
Há de encontrar,
De certo, pela prôa,
Além do Sousa Pinto o Salazar (1)
E muita gente bôa.

(1) Monsenhor Vicente Salazar.

Actualmente, em política não penso.
Nem desejo, tão pouco, me envolver...
Creio que o próprio Professor Lourenço
De mim, no tal embrulho da Instrução
Não tenha o que dizer...
Dá-me também que a bela cavação
Do mármore do turco, que é meu sócio,
Si a urucubaca não se intrometer —
Garanto que é negócio
Que dá, graças a Deus, para eu viver.

Si o negócio for bom, como parece,
E o lucro tentador, como calcúlo
E o turco já me expôs,
Uma destas três coisas acontece,
Aqui para nós dois:
Ou o turco me engole, ou eu o engulo,
Se não nos engulirem a nós dois...

J. D. F.

(Em 1913, o magistrado conterraneo João Damasceno Fontenele teve seria desinteligência com o Presidente Franco Rabelo, não atendendo ao ato do governo estadual que o transferia da sua para outra comarca. Abílio Martins, que, então escrevia epitafios para meio mundo, compôs o seguinte para o Dr. Fontenele).

Foi em Viçosa que nasceu o João...
E, quando João nasceu lá na Viçosa,
Já foi com vocação
Pra vida preguiçosa
De juiz substituto no sertão.

Cara, pescoço e pernas tudo fino...
E fino *em tudo mais!*
(Foi até bom morrer assim menino
O pobre do rapaz)...

O Franco o removeu,
E o João virou

E o João teimou
E o João mexeu,
Até que, enfim,
Foi os ossos deixar no Camocim.

CARNES VERDES

O assunto carnes verdes vai rendendo,
A Câmara e o Prefeito estão brigando:
Ninguém sabe dos dois quem sai perdendo,
Ninguém sabe dos dois quem sai ganhando.

A Câmara, os projectos resolvendo,
As leis, uma por uma, vai votando:
Do seu lado, o Prefeito, recebendo
As leis, uma por uma vai vetando.

Isso aos edís parece um desacato...
Agora, é o caso, edís, de responderdes
Às represálias do Prefeito ingrato.

Pena é de legislar nada entenderdes:
Magarefes da lei do inquilinato,
Vós sois bachareis *em carnes verdes.*

ESPERANÇAS

Está-me a parecer
Que essa encrenca do Hermes não vai bôa...
Vocês vão ver:
Há de soar e sôa
O grito da revolta,
Cái o Hermes, sobe o Rui e o Franco volta!

Eu nem quero pensar
No que há de acontecer

No dia em que o Rabelo regressar...
Virgem Maria!
Naquele dia
O mundo se incendeia:
Eu sei que o Franco afróxa
O Emílio, o Zé Carvalho e o João da Rocha,
E a coisa é feia!

Eu sei que o Franco vem!
Isso é por dias,
Nossa causa é ganha!
Ai, coração,
Meu bem,
Nessa ocasião
Muito marrêta apanha!

QUESTÃO DE SORTE

A inditosa "Reação"
Que, enquanto viva, fez e aconteceu,
Embora diga o Távora que não,
Eu penso que morreu.
E, salvo engano,
A Dissidencia,
A quem Deus haja na mansão da Glória,
Parece o fiasco mais republicano
De toda a nossa História.

Veja-se agora
Como o destino é sempre complicado
E como as coisas deste mundo são
Para quem é caipora:
Após tudo passado,
Após a agitação,
O Nilo continúa no Senado,
Mas o Hermes continúa na prisão...

VOVÓ

Chama-se "VoVó" o improvisado canhão que as forças rabelistas conduziram para o sertão, quando da insurreição do Juazeiro.

Foi a "Vovó"
Transformar o Juazeiro
Em brazeiro
Em pó.

E deixou a pacata Fortaleza,
Dando a certeza
Aos rabebús (1)
Que ela — a "Vovó",
Embora só
Era capaz de dar o Juazeiro
Aos urubús.

Além de ir a "Vovó"
Prá reduzir o Juazeiro a pó
A gente má
Mandou, de contrapeso,
O Emílio Sá
Para trazer o Doutor Flóro preso,
Dias depois,
Telegráfica, depressa,
Alviçareira, esplendida demais,
Corre a notícia de que os dois
— O Emílio e a "peça"
Tinham chegado ao seu destino em paz.

De então por diante, o Chefe, em Fortaleza,
Longe da "zona das operações",
Passa a telegrafar para os sertões

(1) Apelido dos Rabelistas.

Esta impagabilíssima belêsa:
— *"Toda resistência é vã,*
E' caso liquidado:
Juazeiro já cercado!
Vovó fala amanhã.."

E estribilhou-se que fazia dó:
"Amanhã! amanhã fala a Vovó!"
Mas o tempo foi correndo,
Foi correndo,
E as coisas se encrencando.
Se encrencando,
E parecendo
Que era a "Vovó" um bluff *formidando,*
Um bluff *horrendo...*

E um bluff *baita realmente foi!*
Viu-se a zougada gente rabebú
Num c...
De boi!

Notícias da "Vovó" *em plena luta*
O fio traz,
Mas não nos diz se a bruta
Tão fumegante,
Tão fulminante,
No tredo instante
Fala por diante
Ou por detraz...
Quem quizer agora ver
Gente agastada a valer
Basta apenas perguntar:
— *"Cidadão ou cidadã,*
Faz favor de me informar
Si a Vovó fala amanhã"?!

O novo Presidente,
Como todo mineiro é escovado
E, pra nada dizer,
Dirá naturalmente:
— "Eu, por mim, nada posso resolver...
São coisas do Senado".
Bravos! dessa maneira,
O Presidente neutro e abrindo mão.
E, breve estará tudo resolvido,
Pois o nosso Moreira
Cabalará com gosto na questão
E, então,
Veremos nosso Senador metido.

Mas, francamente,
A mim não me repugna confessar-vos:
Toda essa profecia é tão somente
Pra embelecar os parvos...

Achais que não ?
Pensais que tudo dará certo, ao fim ?
Pois, eu acho que sim:
A gente rabebú *da oposição*
Irá mais é comer da banda ruim...

EPITAFIOS

EUSEBIO DE SOUSA

Desta cova nas "bases" decorando
O catecismo, como bom cristão.
Pernilongo juiz aqui descança
A quem "sobrou talento e faltou pão..."
Assassinou a fiança provisória
E brigou tanto pela compostura
Do Jury, que os jurados o chamavam
O Padre Lyra da Magistratura...

LEONARDO MOTA

Aqui dorme a soneca da inocência . .
Quem no Juri... de Ipueiras foi falado;
Possuidor de inviolável cabeleira
Nuns tempos em que andou mais inspirado.
Gostava de falar dos "neurastenicos",
E era tal por jornais sua paixão
Que espalhava o seu nome renitente
Nas "Gazetas" de todo este "Sertão". . .

Dr. J. O. R.

Deu aqui o último baque
Quem nunca mudou de fraque...
Si, como poeta "passava"
Como juiz "era assim"...
No Olimpo dos magistrados
Era o mais gordo o Joaquim.